
A Fundação Cultural de Balneário Camboriú apresenta:

ANTOLOGIA POÉTICA



Novas Vozes da Poesia

I Concurso Literário Novas Vozes da Poesia - Balneário Camboriú, 2016



Prefácio

Senhores (as),

Escrevemos contra o vazio e centrados nele, desafiando-o. Escrevemos para dar a vida ao que inexistia, e que passa a existir precisamente através de nosso gesto. Escrevemos para registrar e para inaugurar novos sentidos. Para reafirmar o que somos.

Um texto deve ter sempre caráter fundador, isto é, alguma coisa nele deve mostrar que se trata de uma tentativa - bem sucedida ou não - de buscar por algo de novo, de formular uma identidade, de transformar o vazio em matéria palpável.

Ao contrário do que se passa nos territórios da escrita jornalística ou ensaística, em que o conhecimento prévio do tema se faz rigorosamente necessário, na ficção e na poesia este encadeamento só pode ser orientado por uma íntima investigação da linguagem.

Ela, a linguagem: translúcida ou brumosa, retilínea ou caótica, precisa ou apressada, ritmada ou absolutamente descompassada, terna ou tétrica, dona de si ou dona de nada e nem de ninguém, pudica ou desbocada, submissa ou violenta, e por vezes nem uma coisa e nem outra - mas um pouco de tudo.

Kafka, em uma passagem de seu diário: “Um escritor escreve sempre numa língua estrangeira.” Pois não somos, todos nós, um tanto estrangeiros em nossas próprias pátrias e corpos?

Foi um prazer imenso conhecer suas vozes poéticas.

Parabéns a todos!

Lucas Schlemper

Índice

Aração Rita Cassia Martins.....	04
O palavreiro Gabriel de Melo Cardoso.....	05
Tempo que resta Eliana Ruiz Jimenez.....	06
Ancorada Mayara Mattar.....	07
Tratado educacional das grandezas do desvalorizado Diogo Fernando da Silva.....	08
- Humanidade I - Lucas Rodrigues de Ávila.....	09
A essência que se esvaia Fernanda Raquel de Chaves.....	11
Domingo Maisa Schmitz Furlanetto.....	13
Cabo de guerra Gabriel de Melo Cardoso.....	15
Cenas da vida humana Matheus Gregório Albuquerque Bairros.....	16
O pássaro enjaulado dentro de si & o tempo Fernanda Raquel de Chaves.....	17
Não é todo dia Eliana Ruiz Jimenez.....	19
Sopro Miguel Angel Schmitt Rodriguez.....	20
Sem vírgulas Márcio André Ferreira.....	21
Prece Junior Koche.....	22
Ira da alma (materialismo) Luzia Luzinete César.....	23
Roleta Russa Junior Koche.....	24
Lesto amor Ricardo Moura.....	25
Decalques Filipe Hahn Barbosa de Souza.....	26
A gorda da minha rua Márcio Luiz Greuel.....	27
Efêmero Thainã Barros Mello.....	28
Pretéritos Adriano Salvi.....	29
Orbital Mayara Mattar.....	30
No sótão da saudade Vanuza Araújo de Oliveira.....	31
Emergência Miguel Angel Schmitt Rodriguez.....	32
Parei Alessandra Schindler.....	33
Rima de ninguém Julian Cechinel de Souza.....	34
Doce delirante terapia Vanuza Araújo de Oliveira.....	35
Doa-se amor Márcio André Ferreira.....	36
(Suss)urros Rosana da Silva Cuba.....	37

Aração

Rita Cassia Martins

○

Às seis da tarde credos em cruces
Acotoveladas de si bemóis violas curvas
Turvos olhares pandeiros frouxos - couro da pele
Anjos da Ave voam das granjas, dão canja à janta
Marias *baking* meninas *faking* falsetto sacro
Milho do pago pagão dourado tempero forte.
Da flor do sal brotam cheirosas frangas sem penas
Umbrais de fêmeas, sem mais soleiras, eiras febris.
Assim, meu anjo clarinho rosa se esgueira à porta
Torta se mostra sem rumo ou vela, de harpa zarpa
Ana a corda, pega na corda, acorda cordão.
Vem sem pecado, benta receita a gente aceita
Voa, revoa em benzer a proa até à popa, muda de vento
Poema invento,
Gregoriano o canto o manto o mato o santo
Da mata a seiva seita a saliva
a vida avulta avulsa afoita moita
Carne moída de surra e sina, carne dorida,
Carne pra fome, carne da vida.

O Palavreiro

Gabriel de Melo Cardoso

○

Palavra enredada, palavreada
Que todo veleiro tem.
De suas conquistas
Ganhos por palavras de poetas natos, iletrados,
Mas palavreados.

Palavras palavras, malditas aldravas
O que não se permitem conjugar com a pobre vida do actante.
Semblante anunciada
Exclama com o vento forte
Questiona pelo norte
Encerra-se na tempestuosa sorte
Mas o ponto nal,
este – como que gozando de imponência,
ou prepotência - insiste em se condicionar.

Há vezes em que a palavra expurga-se: baixa âncora! sobe âncora!
Rotina de mares consonantais, e veleiros dígrafos
Aventuras que se consolidam como pretéritos perfeitos
Subjuntivos das promessas que ficam
e ainda imperativos que embarcam – daqui me vou!

Mas é do âmago da catacrese
Que nos servem os substantivos
E quem, se não o palavreiro para dar alcunha a ironia.
E quem, se não a ironia, para eufemizar tanta palavra cruzada.
Campo de guerra minado.

Palavra que cai na rede é peixe.
Veleiro das letras é portanto, e *à la vonte* – um hiperbólico nato.

Tempo que resta

Eliana Ruiz Jimenez

○

O tempo é o canibal das horas.
Numa engolida se vão os dias,
as semanas vão virando refeição e nos meses
mastigados revezam-se as estações
todas misturadas.

As prateleiras se enchem de panetones
e o leão morde meu ganha-pão seguidamente.
Vou sendo devorada
sem ritual, sem festa
e a cada respirada expiro minha existência modesta.

A vida é tempo que escoo, tempo que voa,
tempo que resta.

Ancorada

Mayara Mattar

○

À bordo,
tua cor branda me acorda:
Íris, já é hora...
Que o barco anda
E quem não ora, nada.
Brota a flor e bota
Água na horta,
Chinelo com meia
E chave na porta.
Vem navegar nesta casa que é nossa.

Na
morada.

Tratado Educacional das Grandezas dos Desvalorizados

Diogo Fernando da Silva

○

A educação está centrada no ensino – é tudo que eu sei.
Meu fado é o de transmitir quase tudo.
Sobre o mundo eu tenho profundidades.
Tenho conexões com a ludicidade.
Poderoso para mim é aquele que contagia o mundo.
Para mim poderoso é aquele que descobre as idiossincrasias (do professor e as nossas).
Por essa pequena sentença me elogiaram de defeitos.
Desabafei de lágrimas.
Sou fraco para reconhecimentos.

- Humanidade I -

Lucas Rodrigues de Ávila

Quebrou em mim a garrafa de champanhe,
E me batizaram “Humanidade”.

Comigo a tripulação,
Escolhida a dedo,
Contra qualquer tribulação,
Seja para águas de alegria,
Seja para águas do medo.

Sob aplausos, flutuei sobre o mar umbral.
E assim fui... navegando...

Nas máquinas, a Mestre Natureza.
Mulher no convés? Isso mesmo!
E não é só beleza.
Dela dependem inclusive os próprios mares.
Duvida? Experimente a natureza provocares!

Nas câmaras, o Comissário Generosidade mantém todos satisfeitos.
Meus tanques sempre cheios,
Pois sou movido por amor.

Na comunicação, o Sr. Perdão.
Especialista em extinguir qualquer problema.
Não importa em que porto a gente chegue, não tema!
O Sr. Perdão resolve qualquer problema.

Entre os marinheiros está o Conhecimento.
Um pouco chateado, pois não pode trazer sua amiga, Sabedoria,
Que tinha alta patente.
Disseram-lhe que para essa vaga já tinha gente.
A Comandante Ganância havia sido escolhida
E como sua imediata, embora a Sabedoria tivesse vontade,
A Ganância favoreceu uma velha amiga, a Sra. Vaidade.

E assim naveguei, naveguei, naveguei...

Até que um dia o Comissário Generosidade,
Ofendido pela Comandante Ganância,
Deixou faltar amor em meus tanques!

E com a indiferença da Imediata Vaidade,
A Natureza se irritou de verdade!
Quando o Sr. Perdão tentou intervir, poxa,
Já era tarde.

E assim fiquei, estagnado,
Flutuando pelos mares, desgovernado.
Até que fui encontrado pelo Tempo,
Um rebocador que me levou ao porto mais próximo.
E lá estava ela, pacientemente esperando,
A Sra. Sabedoria.
Que recorreu ao Tempo para o resgate de um pobre navio chamado
Humanidade.
Mas até ela percebeu, para mim não havia mais jeito.
É chegada a hora do desmanche.

A essência que se esvaia

Fernanda Raquel de Chaves

○

Que assim como o mais humano dos humanos.
Aprendeu a disfarçar o mais presente necessário;
Que dar-se a essência de teu ser.
Que transeunte seria assim;
Como o passageiro do mais fétido e carregado ônibus.
Transeunte seria sua história quando mesclada a exigências exteriores.

E posteriores seriam os gritos do chamado para sua essência;
Buscar deste modo a completude do seu ser.
Que completo jamais estaria;
Pois a cada copo de água, ela se perdia.
E se reencontrava ora diante de si mesma, reconstruindo partes.
Oras, havia outra em seu lugar, por diversas vezes.

Mata algumas partes de si durante os dias;
Com o passar do tempo torna-se mais forte.
É tudo e nada em instantes.
Vai adiante com pedaços destruídos, e outros deixados para trás.
Perde-se de si mesma a cada dia;
Para reencontrar coisas e partes que há tempo procurava.

Foi arrancando pedaços da sua pele;
Que caíram ao chão.
Colocou coisas sob sua epiderme, apenas para não se mostrar desfeita.
Pegou outras partes que estavam
guardadas, para continuar;
Mutilada, transgurada de seu ser.
Seu self há muito havia perdido em outra batalha.
Muitas certezas ela tinha.
Foi atrás de um caminho provisório, ao qual não sabia o quanto a satisfaria.

Pois como um rio a correr;
Está sem saber, onde desembocar.
Pois são tantos os caminhos.
(Entre o céu e o mar)
Aos quais quer trilhar
(Mergulhar e lançar-se, para o destino dela percorrer).

E ao final de tudo, o intuito é enfim se conhecer.
Nos padrões repetidos de histórias que remontam a coisas que vimos em outrem.
Anal, muda-se o país e lhe parece ser outra história.
Mas na memória, estamos a resgatar coisas que já vivenciamos antes.
Dispusemos a pensar se, seríamos nós mesmos.
Retidos naqueles (olhos) que vemos.

Pois nos atemos a detalhes que podem ser nossos maiores medos;
Maiores falhas e dores;
(Enfim) O que mais tememos.
Como num contrassenso da fuga de algo que;
No fundo já temos dentro de nós mesmos.

Enquanto lutas são travadas ali dentro;
Estilhaços caem ao chão.
Nesses dias frios o fogo, ele também o foge de si.
Pois é como se estivesse:
Entre o plantio e a seca;
Entre a devastação e a construção.

Consegue ir até o poço da sabedoria do mundo através da solidão e da introspecção.
Ou da solidão da introspecção?
Sozinha, consegue encontrar partes que não se mostram na multidão.
Mergulhar e ouvir o âmago de teu ser;
Para então escutar sem confundir com sussurros da aglomeração.

Redescobertas vão marcando seus dias.
Certezas aparecem conforme as horas.
Mas a dor, essa nunca a abandona.
Feito aço, corta e traz de volta um tempo que jamais lhe pertenceu.
Perde-se mais uma vez, dentro de si mesma.
Para quando abrir os olhos, encontrar apenas;
Os vestígios e estilhaços de vidro penetrados em sua alma.

Domingo

Maisa Schmitz Furlanetto

○

Labaredas
se enlaçam
brincando entre as brasas.
Uma neblina antecipa a noite...
A chaleira chia sua quentura
E chama, fervorosamente!
A máquina de lavar
indiscreta
vai lavando roupa suja
sem medir o tom.
Longe, um comentarista esmiúça uma partida de futebol.
Quem escuta, se importa?
O entardecer de domingo pertence aos refugiados!
A estes desamparados
que chegam, ao entardecer,
de mãos vazias,
expulsos do prazer esperado...
Aquele que estava embutido em promessas e deleites,
que aquelas horas que,
não passam e só alfinetam, fazem no cotidiano!
Lá se esvai mais um domingo sem revelar seu segredo:
a que veio?
Ah! Talvez, domingos não sejam para deleites ou descansos
mas para hiatos.
Quebras. Desmanches.
Morte da ilusão, da falácia.
Entardecer de domingo...
hora de choro!
Quase que sem motivo.
Mas só até a noite chegar!
Porque quando ela chega
Vem fazendo curativos,
vem cheia de planos!
Vem vaidosa, com trajés
de incógnitas e descompassos...
Um para cada dia,

menos para o domingo;
onde tudo deságua,
onde tudo se junta
tudo se acaba
tudo recomeça...
Agora, por favor,
um chá de anis!
Eu e minha alma
precisamos deste carinho
e deste calor
para recomeçar!
Já é segunda!

Cabo de Guerra

Gabriel de Melo Cardoso

○

Há receios que tens de anseios que eu tenho
Mas no equilíbrio desse cabo-de-guerra
As matizes escarlates já não mais dançam
Entregam-se ao gume, conhecendo a dor
Procurando paz

Há anseios que tenho de desejos que não tens
E feito um balanço velho, não brincam mais lá, as crianças
Mesmo a vegetação tem se entregado por vencida
Procurando raiz que a sustente

Há desejos, anseios e receios
Que ficam,
Que voltam,

E há ainda aqueles que vão,
Que não mais transitam no vai e vem da mão inglesa
Só vão,
Esses libertam-se, sabe-se felizes ou não

Sê passarinho sabiá e diz:
cabo de guerra que se rompe, rompe a guerra.

Cenas da vida humana

Matheus Gregório Albuquerque Bairros

○

Cenas da vida humana

Recordo da primeira noção da realidade
a falta, o que me cercava carecia, era oco
no momento transborda pesando em
reflexões em que vago sem sentido
diante de um espelho, a minha imagem anestesia-me
Indiferença que não é escrita, dita, descoberta, visível e camufla-se sua existência
ela que permite entender e ser à vontade e o desejo

Rabisca-se confusões retas, tortas, pretas e coloridas com ar de mistério
a vista inexperiente vê-se um quê de inspiração
debaixo dos olhos o alívio pela atenção e de olhos vendados o piloto automático a guiar e
sentir

Sons e entonações precisas e sem ritmo sobre a vida pessoal
analítico formado em livros com prognósticos da realidade e
emoções com postura sincera dele com ele mesmo e vigor de
certeza
de trás das cortinas o cotidiano narra com fluidez o tédio

Oculto que sonda, obscuro que dá luz a crescente sensação especial e única
manipula-se a si mesmo mecanicamente escondendo o jogo da plateia
cordas sutis como setas que descem e cravam a carne do protagonista
afastando olhar do palco, nota-se o titereiro da vida acima
sob seu manto com estruturas de madeira e fios, inúmeros palcos secretos
especiais e únicos no mundo

Por fim aos renascimentos e mortes
ao final de cada cena o suor das sensações falsas gruda ao rosto
a meticulosidade de retirar as máscaras sem ferir-se
diante do espelho, o traço sutil do canto da boca a orelha
pontas de flechas sob os olhos mirando no alvo
a alma
em união, dou um sorriso escarnecido
pela vitória em falhar ser humano

O pássaro enjaulado dentro de si & o tempo

Fernanda Raquel de Chaves

○

Se perguntas por que não se põe a voar?
Sabes mesmo se assim o querias?
Ou tem medo de perder as raízes, ao sair do lugar?
Pois sabes que o mesmo não voltarás a ser. Se outros caminhos percorrer.
Não é o mesmo a encontrar, nem parado no mesmo lugar.
O que te compensa ao olhar a vida? Ao olhar a trajetória que deixou pra trás?
Quais passos foram apagados por ideias que não se concluíram?
O que vê diante de ti te traz orgulho ou pesar?

Sempre há tempo:
Tempo pra retomar caminhos inacabados;
Tempo pra entender que o momento é agora!
Tempo pra refletir e chegar à conclusão que algumas coisas devem ser enterradas;
Deixadas para trás, pois lá é o lugar delas, em definitivo.
Tempo para respirar e encher os pulmões de ar novo;
De expulsar o ar rarefeito e contaminado;
De visões medíocres, acerca do que se pode ser.
O que se escolhe ser.

Há ainda o tempo de mergulhar dentro de si, e este é crucial.
Não podemos esquecer-nos de cultivá-lo, pois às vezes,
Como humanos que somos, esquecemos que a projeção dos que nos falta;
Não é encontrada fora, mas sim somente nós podemos suprir.
E hoje podes estar camuflado por crenças;
Por certezas firmadas com vigas e fundação da mistura de concreto e ferro;
Mais espessa e consistente do que deveria ser para este teu caminhar.

Faça-te despedaçar o núcleo que constituía teu ser.
Para se encaminhar a um duro e longínquo encontro consigo mesmo.
Um si mesmo, que você não sabe existir.
Pois se assim o permaneceres como estás;
Certo dia, descobrirás num labirinto estar;
Emaranhado em meio a os e nós que não se desfazem tão sós.
E sós contigo estarás, para descobrir que o que basta é aceitar-se!

Assim te digo: jamais deixe que outros digam quem tu és.

Mostre-me. Dispa-se!

Dispa-se da carcaça social que ensinaram ser a correta para se proteger.

Viva, entregue-se! Sejas intenso.

Mostre sua unicidade que pode estar escondida e abafada aí mesmo, dentro de si.

Crie oportunidades de uma existência plena.

Não tenhas jamais a alma pequena.

Mesmo que a queiram inserir, dentro de si.

E se for alheio e contrastante com a multidão.

Não esqueça que serão os poucos e escolhidos.

Por sua vez definidos e acolhidos na companhia de tua cavalgada.

A adentrar e repousar em sua morada,

Para dividir o jantar e boas risadas.

A vida foi feita para dar nossos próprios e únicos passos.

A dádiva de poder mudar é algo que poucos percebem por medo, anseios e dúvidas.

A vida não perdoa. A quem desiste de lutar, mudar, transformar.

Pois tudo é mudança, movimento, expressão.

Eu sou a água que corre pelos rios e transforma percursos, inunda cidades.

Parte da chuva que faz florescer frutos e plantas, capaz também de destruí-los.

O vento que muda direções.

E o tempo, ah!

Ele é finitude (e pode ser que amanhã não haja outro curso de rio para tomarmos).

Não é todo dia

Eliana Ruiz Jimenez



Não é todo dia

que a sorte abre as trancas e diz passe

que o sorriso sincero mostra a face

que a vida não se atreve

a ser igual.

Não é todo dia

que surge por alguém

a empatia

que os olhares dizem mais do que eu diria

que a rotina vira rota casual.

Não é todo dia

que as mãos se entrelaçam na amizade

que a paz se faz a nova realidade

que o jornal mostra o bem vencendo o mal.

Não é todo dia,

mas deveria.

Sopro

Miguel Angel Schmitt Rodriguez

○

Se, como já o disseram,
a música poderia seguir existindo
ainda que já não existisse mais mundo,
talvez seja porque,
na realidade,
o mundo outra coisa não é
senão música.

O que existe é uma sucessão rítmica
e aleatória de vibrações sonoras,
que por momentos se cristalizam
imprimindo em nossas almas
a vontade eterna de viver.

A vontade eterna de viver:
não a vontade de viver eternamente.

Sem Vírgulas

Márcio André Ferreira

○

Ontem apenas um menino perdido em desalento, sem rumo e perseguido
Descriminado, oprimido, fraco apreensivo
Onde será que estava a justiça, por onde procura-lá?
Não a encontrava em nenhuma esquina.
Em qualquer instante percebera que a própria injustiça
Encaminhara-lhe ao erro, de inoperante a operante,
De inocente a coautor, coadjuvante, esquecido.
Há sombras da maldade, perseguida, pela bondosa duvidosa.
Pela retidão daqueles que camuflavam e camuflam o eu.
Incógnita, anjo sem asas.
Sofrera no purgatório da desobediência social.
E suas lágrimas de sintoma angelical, percorriam seu rosto em sangue.
Culpado ou inocente, descente ou indecente, escolha ou condição.
Viveu até hoje andando na contramão.
E por sua própria mão e índole, coração, esperança e vontade
Permaneceu na bondade e no caráter à sua igualdade.
Desobedecendo as leis do homem errante, tão cedo quanto duvidoso
Tão claro quanto obscuro.
Tão perfeito quando impreciso.
Vive então diante de um mundo perdido nas duas próprias descobertas,
E a sua verdade continuará encoberta,
Até que o mundo perceba que se vírgulas há de se viver.
E percorrer o caminho da liberdade, do livre arbítrio
Tal saído do mesmo dicionário que o menino talvez desrespeitara.
Ontem apenas um menino perdido em desalento.
Hoje um homem movido a compreensão do seu talento.

Prece

Junior Koche

○

Ah magrela!
Se tu tivesse jeito,
não seria assim perfeito.
Receito-te uma auréola, um colar de pérola,
tudo até a goela.
Assim bem santa!
Meu prato, minha janta.
Possuído no céu.
No seu.

Ira da Alma (materialismo)

Luzia Luzinete César

○

A vida é uma perda de tempo.

Não imagino a vida como um bem eterno.

É efêmera, fugaz. Fácil de esvaír como a água que escorre pelos dedos.

Não carrego nada em mim que perdure... Nem o pensamento, nem a fome
saciada, nem o espírito irrequieto e neurastênico, obeso de loucura ao pensar em eternidade.

Se eu tivesse nascido algo inanimado, eu também não valeria a pena...

Ser uma pedra ou um pássaro, tudo seria apenas...

Só brincaria de viver.

E o tempo é o pior assassino!

Eu não posso buscar nada. Eu não sou nada.

A vida é que passa por mim e se não a aceito sei que morro a metamorfose do pó
e me esquecerei na vida dos outros, até me perder em mim.

Garantem-me um céu ou um inferno, mas me distraio na vida, se é que há em
mim um julgamento ou tormento.

Que me caia a ira e a destruição ou me enlouqueçam para não pensar ou
idealizar qualquer possibilidade deser imortal no infinito.

E para sempre eu vou cair. Em que? E para quê?

Poderão me esfacelar quebrar meus ossos, nem me aliviarão o pensamento porque sou alma.

E para onde ela irá?

A vida é um sonho real que termina em pesadelo de morte.

E cai de novo no sono de esquecimento do eterno:

Do nada. Do além, mais nada!

Roleta-russa

Junior Koche



Meus olhos lavados empunham retinas máculas

Entrincheiradas sob suas pálpebras.

O que miro percorre minhas artérias, pulsa meus músculos,

Dilata meus nervos.

E eu ali, paralisado nesse tempo espaço

Atiro-me.

Lesto amor

Ricardo Moura



Vedes que resta peito adentro regaço contenta àquela que for.

Fazes com calma perfeito enlaço alento desfalco farfalha de dor.

Estréias do sono favo de sesta

e vedes que resta, lesto amor.

Decalques

Filipe Hahn Barbosa de Souza

○

Tudo que é sólido se desmancha no ar.

Como rei deposto, os meus bustos foram destruídos, minhas fotos rasgadas.

No auto-exílio pensava estar forte, e sozinho imaginava reunir grandes exércitos,

Invadira seus portos, seu coração, e apenas por vinganças matar toda a população.

Inflingir-lhe sofrimentos gratuitos.

Mas a tristeza chega como ladrão na noite.

Caio no chão, passo cinza na testa, me desespero.

No auto-exílio sem um cervo, um cavalo. Em sonhos reúno exércitos.

Imploro aos deuses seu perdão, que me aceite de volta em sua corte, em sua cama.

Enxugo as lágrimas e volto a praguejar contra a ti, rainha.

Malvada, amada rainha. Por que me abandonaste se sabias que eu era fraco?

A tristeza chega como ladrão na noite.

Caio no chão, passo cinza na testa, me desespero.

Prometo sacrifícios por uma cruel vingança.

Prometo sacrifícios para que me aceite de volta, em tua corte em tua cama.

Prometo criar um reino que o amor será soberano.

Esquecido no exílio, sonho com a mais cruel e mais amada das rainhas.

A história do rei morto por não ter podido te reencontrar.

Por que me abandonaste se sabias que eu era fraco?

Cure minha febre, cure minha febre!

A gorda da minha rua

Márcio Luiz Greuel

○

Vestida apenas de chapéu,
a gorda do fim da rua,
na noite de todo dia
acomoda em suas coxas
os adolescentes do fumo perigoso e da bebida desregrada,
que sem proveito
não percebem a vida transitar.

Vestida apenas de chapéu,
a gorda do fim da rua,
em seus seios desconformes deixou alguém
nome de alguém tatuar.

Vestida apenas de chapéu,
a gorda do fim da rua,
no sol de todo dia
deixa a criança sobre si passear.

Vestida apenas de chapéu, a gorda do fim da rua,
por assim sentada ela estar, a Rua 1501
sem saída permanecerá.

Eu gosto dessa gorda,
a imponente estátua do lugar.

Efêmero

Thainã Barros Mello

○

ao lembrar de tua íris
sinto serenidade
como um truque de mágica que permeia bons ares

entretanto,
imaginei que tinhas me esquecido

medo dói
medo do desconhecido

em determinado momento
teu amor tornou-se lembrança.
então me extravio como gota de chuva
e a dor pesa uns quilos na balança

de certo o carinho antes dado fosse efêmero e passageiro
não nego: vi-te esconder quilômetros no bagageiro

Pretéritos

Adriano Salvi

○

Se eu pudesse dominar minha emoção
te extrairia do meu peito, dos meus pensamentos deste poema.
Contudo eu te quero, mesmo não te querendo.
Sinto raiva desta minha patética vulnerabilidade frente a ti.
Quero estar livre, para um novo amor talvez,
e tu não me permites.

Por que tu não me permites?
Daria o mundo por ti,
e nada quero dar-te senão às costas.
Estou confuso, quero encontrar-me,
onde puseste as chaves que abrem esta prisão?
LIBERDADE!!!

Quero gritá-la aos quatro ventos
ao sentir que já não estás mais em mim,
que minha ilusão novamente me pertence
e que tu já não passas de um pretérito perfeito ou mais que perfeito.

Orbital

Mayara Mattar

○

A vida leva a gente
Feito roda de ciranda
Pé do outro se adianta
Braço puxa a perna bamba

É encaixe e desconforto
Como a graça de um tropeço
Que na queda abraça o outro
E se enrosca em devaneio

Assim sendo, moreninha
Não és tu que se carrega
Quando destes meia volta
Foi na espiral que gira

Foi na espiral que gira
Foi na espiral que gira
O beijo que tu me destes
Foi na espiral que gira

No sótão da Saudade

Vanuza Araújo de Oliveira

○

No sótão da saudade, brincando com a verdade.
Certa promessa e jura cicatriz que não cura.
Sua história em um diário e na memória o cenário.
Varias fases, chances e as mudanças.
A ultima canção, nela há lembranças.
Sua poltrona, a vitrola e o disco de vinil.
O seu porta retrato em um traço juvenil.
A brisa busca o vestígio que o tempo não encoberta,
carrega um perfume pela janela entre aberta,
o sopro traz e leva as essências em um entardecer repleto e certo.
Cada feixe de luz recorda nossas pulsações, sinto você mais perto.
Suas citações foram inspirações para minhas estações.
O mundo passou por incríveis transformações,
e eu continuo com as recordações.
As resenhas não são os simples papeis amarelados e amassados.
Hoje o que vejo são reexos dos os prateados nos vidros embaçados.
O ciclo não tem como deter, o vento esta mais forte esta tarde,
uma lagrima rola de saudade nesse choro covarde.
Aqui do alto sigo a coreograa das folhas secas do outono,
enquanto elas estão a oscilar trouxeram o meu sono.
Lembro-me das telhas quebradas e das desculpas esfarrapadas,
mãos dadas e frases nas madeiras cravadas.
Do lado de fora estão uns dos nossos encantos,
rascunhos que não foram esquecidos nos cantos.
Não foram sonhos esquecidos, escondidos em um porão.
Não foram contos inventados e não estão perdidos em vão.

EMERGÊNCIA

Miguel Angel Schmitt Rodriguez

○

Não se deve duvidar
de que nas montanhas estão os deuses.
Em algumas delas
estamos tão próximos do céu
que quase acreditaríamos
poder agarrar uma estrela.

E isso é o que se chama divino:
desejar
e ter a vontade de sorte
para banhar-se com o brilho das estrelas.

Assim acedemos à verdade,
ao reluzir nossa existência,
movida por uma eterna força ácrata.

Sim que nas montanhas estão os deuses,
sempre quando possamos nos sentir parte
dessa imperturbável
imponência:
mais além do bem e do mal.

Parei

Alessandra Schindler

○

E então eu parei,
Parei de ter prazer
Nas festas e bebidas.
Parei de ter prazer
Nas pessoas vazias.
Parei de ter prazer
Nas coisas que mais me davam prazer.
E então eu parei,
Parei de querer entender,
Simplesmente ignorei.
Parei de querer encontrar,
Simplesmente desisti.
Parei de querer tentar,
Simplesmente cessei.
Parei e um novo mundo surgiu,
Possível curiosidade?
Novidade?
Parei e a memória surgiu,
Possível retornar?
Conservar?
Parei e a ilusão surgiu,
Possível loucura?
Delírio?
E então eu parei,
Sorri para esse novo mundo.
Parei e me abracei.
Sorri para mim mesma.
Parei e aceitei.
Sorri para a vida.
Simplesmente parei,
Nas delícias da natureza
E nas delícias do mundo.
No parar eu comecei a viver.

Rima de ninguém

Julian Cechinel

○

Num sonho lúcido
Vi o mar lavando e lavando as pedras
Corri pelos ventos e tempestades
Não por ódio ou dor
Mas pela simples liberdade
Fugi de gigantes
Enfrentei carrascos da minha mente
Desprezei ladrões
Ajoelhei aos pés da força
Fingi ser quem não era

Num sonho lúcido
Sem ao menos perceber
Chorei, muito
Por dias ensolarados
Por noites lindas, mas sem nenhum brilho
Simplesmente por chorar
E olha que ironia,
Chorei até mesmo por corações partidos
O meu, os deles
Num sonho lúcido

Um pouco de mim pra você
Um pouco do que é minha cara e minha carne
Um pouco de hipocrisia
Um pouco de orgulho
Pouco, de tudo
Um pouco de mim, pra eu mesmo
E naquela estrada de loucuras, fugi
Deixei pra trás, um sonho lúcido
Pra viver intensamente
Um lúcido sonho.

Doce delirante terapia

Vanuza Araújo de Oliveira

○

Depois desse dia inerte,
o ponteiro do relógio marca
que me liberte.

Depois deste drinque posso me recompor,
é tão bom canções ao
seu lado compor.

Depois não faça promessa,
não vou me expor, tão pouco interessa.
Estou te aguardando novamente sem exigência,
minhas invenções possuem certa ausência.

Entorpeço-me foliando o que desconheço,
nos meus versos diversos,
estão os mais perversos controversos.

Às vezes sua chatice me embriaga.
Sinto que não ha excesso quando me indaga.

Peço apenas um conselho,
ele diz mais que a psicoterapia da semana,
posso me encarar diante ao espelho,
me faz ter a tal liberdade humana,
faz que eu não seja Joana, Diana e Ana.

Estou a arremedar os meus retalhos,
para não aderir aos atalhos.
Minha melhor companhia,
da mais doce delirante terapia

Doa-se amor

Márcio André Ferreira

○

Em algum lugar preso ao cordão umbilical da insegurança
Prende-se às vezes por uma eternidade a esperança
Em uma busca constante por tão irrelevante prazer
Constante e temida ignorância primitiva
Tão quantos aos instintos mais opressores
Arraigados aos agressores de suas próprias almas
Busca-se um sentimento o qual não se doa.
Não se oferece nada além de uma vontade alucinante
Constante, desvairada, por algo, alguém, corpo presente
Que esteja disposto a enfrentar a carência desmedida
Na maioria das vezes não percebida, por algo que não se obterá
Em qualquer forma, nem canal, espiritual, mental e sentimental.
Doa-se amor, este, portanto tão quanto a ajuda bem dada
E de bom grado deveria ser oferecido.
Amor, não mais justo por doar-se do que pedir.
Pois não se pede, nem se espera receber.
Não, não estamos aqui para receber e sim evoluir na intenção.
De amadurecermos como irmãos de um cordão umbilical angelical,
Evoluir, aprender, crescer e doar-se sem receber
Tão difícil deixar o desprazer invadir a carne e gozar de artificial vontade.
Doa-se amor, ou sangue contaminado por algo que não foi muito bem ensinado.
Não somos culpados de algo que nem mesmo eles sabem que está errado.
Ou será que fomos enganados, transformação, pare e reflita, então.
Doe o amor e receberás o sacrifício de crescer e merecer.

(SUSS)URROS

Rosana da Silva Cuba

○

Evocar
Ou invocar?
Vertigens insulares
Compõe paisagens
Outonais
Invernais
Primaveris

Desterritorializar o desejo
Foi minha fuga!
Hoje, adoeço por pertencer.

O tempo corre!
As pessoas têm pressa
Bebem
Dançam
Emudecem

Sonho
Em segredo
Um enlace

Jurados

Lucas Schlemper
Rafael Zen
Guilherme Muller

Equipe

Fernanda Boehm
Cristina Zimmermann
Mariana Roveda
Evani Redin

Parceiros

Lote 84
Virtuato
Livrarias Catarinense

Apoio

SESC - SC
Editora Benfazeja

Patrocínio

